

Virada pictórica: Imagem e Representação

As profundas mudanças na função das imagens e sua representação na história da arte têm sido influenciadas pela expansão do conhecimento nos estudos em cultura visual que projetam consequências em diversas áreas das artes e refletem na cultura e na sociedade, inclusive na função do observador. Com o objetivo de contribuir com a disciplina de cultura visual, Mitchel (2015) cunhou um termo para facilitar o estudo sobre as imagens e suas potências: virada pictórica.

A virada pictórica surge para sanar a nova crise da teoria que não consegue enquadrar ou conter a imagem que escapa a todas as definições, sistemas e mídias na atualidade. A virada pictórica contesta a metafísica que sustenta a virada linguística² e constata o esgotamento dessa metafísica, ou seja, é uma tentativa de colocar as imagens como criadoras da realidade. Segundo Mitchell (2015), uma vez que o mundo contemporâneo é formado por imagens, então a denúncia pela imagem está privada de qualquer eficácia. Para ele, a imagem escolheu responder às pessoas, escolheu ter vida, mas a ela falta vida, sendo assim elas precisam de nós para serem o organismo do qual ainda são sombra desencarnada. Mitchell adota um método não iconoclasta de teoria das imagens que não busca dominar as imagens. Ele leva em consideração para sua análise as definições de imagem expandida em conjunto com a imaginação de caráter sensual e fantástico. O autor afirma que a imagem é quase corpo, mais que ilusão e menos que organismos vivos.

A virada pictórica levantada por Mitchell (2015) questiona o status da imagem, elevando-a ao patamar de um ser desejante que busca seu lugar levando em consideração sua individualidade complexa e identidades múltiplas. Ele transfere às imagens características próprias das minorias e dos subalternos e cria relação com estudos de Fanon, Marx e Freud, deslocando “a pergunta do que as imagens fazem para o que elas querem, do poder para o desejo, do modelo de poder dominante, ao qual devemos nos opor, ao modelo subalterno que deve ser interrogado, ou melhor, convidado a falar” (MITCHELL, 2015, p. 171). Para Mitchell, as imagens querem ter um tipo de maestria ou poder sobre o espectador, como uma espécie de encantamento. Elas têm algo a dizer e dizem, e devemos deixar que as imagens digam sua impressão sobre nós. Entretanto, será que as pessoas estão em condição de entendê-las?

As imagens produzidas a partir da modernidade exigem uma atenção maior e um pré-conhecimento artístico por parte do observador. Elas carregam mistério e devem ser interpretadas. Magritte (1992) é um exemplo de artista visual que utiliza as potencialidades do mistério, não se limitando a reproduzir as aparências, mas forçando o observador a ir além à interpretação da imagem, para o artista “a imagem não diz nada, o observador é quem deve descobrir e sentir seu significado”. Quando ele diz “não há respostas em minhas pinturas, só perguntas”, demonstra que as imagens contemporâneas nos fazem mergulhar em um mundo de incertezas. É nesse panorama de imagens, mistério, rupturas, fricções, dúvidas que nasce a fotografia artística. Uma ruptura entre o real encarnado e o ficcional desencarnado. O que as imagens teriam a nos dizer?

O que as imagens diriam de nós quando elas nos olham? Bem, elas falam de nós aquilo que nós não ousávamos dizer de nossos desejos mais fundamentais, mais potentes, mais escondidos. As imagens nos olham “até o fundo” de nós, claro que com a condição de que saibamos por nossa parte olhá-las (DIDI-HUBERMAN, 2017, on-line).

A virada pictórica diz que as imagens querem os mesmos direitos da linguagem, ficar no mesmo patamar. Mitchell (2015) esclareceu a forma como a modernidade pôde se construir, privilegiando dois lados da imagem: a materialidade do significante e a forma visível abstrata. Ele lembra que a imagem não se identifica com o visível e que sua fala condensa e desloca a percepção, fazendo-nos ver uma coisa em outra por meio de outra.

O termo virada pictórica não foi aceito hegemonicamente pela academia. Em resposta a Mitchell, Jacques Rancière (2015) questiona esse termo. Para ele, talvez não seja necessário falar em virada pictórica, sendo suficiente uma análise genealógica, opondo as visões simplistas de analisar as imagens pela aparência, pela inconsistência ou pela realidade maléfica à genealogia efetiva dos entrelaçamentos de palavras e de formas que fazem a vida das imagens, uma vida ao mesmo tempo mais sólida que a das aparências e mais leve que a das potências maléficas.

Para Rancière, Mitchell cunhou o termo pictorial turn para que haja uma real virada histórica efetiva, uma mutação no modo de presença das imagens, não mais uma justiça dada pelo observador, mas uma vingança das imagens contra todos que duvidaram de seus poderes. Ele fala sobre as novas potências da imagem.

Rancière (2015) associa o pensamento de Mitchell (2015) com as imagens de Deleuze, mas impõe distinções. As imagens de Deleuze são definidas como formas de vida, mas são formas de vida não orgânicas. As de Mitchell, em contrapartida, são vidas simbolizadas na imagem de um organismo vivo se opondo à abstração informática comunicacional. Para Rancière, o pictorial turn deixa-se descrever, então, como um retorno do recalcado (subalterno). A imagem é vivente porque a ela falta vida, ela precisa de nós para ser organismo do qual ainda é a sombra desencarnada. O desejo que Mitchell atribui às imagens oscila da mesma maneira entre a expressão de uma falta e de uma vontade e a afirmação schopenhauriana de vida que prolifera sem finalidade.

Uma segunda leitura é a do Vírus proliferador, onde a imagem reivindica o sangue, os corpos, a vida. Como um vírus proliferante, ampara-se na vida dos indivíduos.

Pictorial turn é, então, um novo tipo de teoria sobre as imagens, ou uma nova forma de pensar a imagem que define uma nova potência de vida, de uma vida que não se deixa separar de suas imagens e de seus monstros, de suas doenças e de suas mitologias. Ele ilustra com a figura de um clone. Uma vida produzida pelos sábios. A negação da imagem em favor do que ela diz mostrar, sustenta sua oralidade e potência. Cita o exemplo da publicidade iconoclasta que nos lembra que é a sede e não a imagem que nos faz beber. Para Mitchell (2015) elas querem ser elevadas na história das imagens não na história das artes. Podemos perceber a forte ligação e influência dos estudos culturais e dos estudos visuais na construção da teoria da virada pictórica.

Dar às imagens sua consistência própria é justamente lhes dar a consistência de quase corpo, que são mais que ilusões e menos que organismos vivos. É pela capacidade que temos de lhes emprestar ou de lhes subtrair ao mesmo tempo vida é que os atuais estudos sobre visualidade passaram a dar importância para o papel do observador na contemporaneidade.

Para Rancière, Mitchell cunhou o termo pictorial turn para que haja uma real e efetiva virada histórica, uma mutação estendida e compartilhada por toda a sociedade no modo de presença das imagens, não mais uma justiça dada pelo observador, mas o que seria uma vingança das imagens contra todos que duvidaram de seus poderes. Entretanto, por mais que Rancière (2015) questione os estudos de Mitchell, eles são importantes para o entendimento das imagens.

Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. Aparências ou aparições: o filósofo Georges Didi-Huberman comenta a exposição Levantes, em cartaz em São Paulo. 2017. Disponível em: <<https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-didi-huberman/>>.

MITCHELL, J. T. O que as imagens realmente querem? In: ALLOA, Emmanuel (Org.). Pensar a imagem. Tradução coordenada por Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. Teoría de la imagen. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

RANCIÈRE, Jaques. As imagens querem realmente viver? In: ALLOA, Emmanuel (Org.). Pensar a imagem. Tradução coordenada por Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. O inconsciente estético. São Paulo: Editora 34, 2009.

Programador Visual da

UnB. Doutorando em Artes Visuais e Mestre em Arte Contemporânea pela linha de pesquisa, Arte e Tecnologia, da Universidade de Brasília - UnB (2019). Pós-

Graduado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais IREL/UnB (2020).

Pós-Graduado em Análise Política e Políticas Públicas pelo Instituto de Ciência Política - IPOL/UnB (2018).